

Contenção exige medidas criativas

O que podem fazer Almir Pazzianotto, do Trabalho, Ronaldo Costa Couto, do Interior, Flávio Peixoto, do Desenvolvimento Urbano, Waldir Pires, da Previdência Social, e Marco Maciel, da Educação, entre outros? No mínimo, eles estarão frustrados, ainda que concordando com as restrições. Não se pense que não conversem, discutem ou levantam o problema, ainda que sem ares de conspiração, isolados e prontos para decretar o cisma. Pelo contrário, é diante de Dornelles e dos "maus" que eles procuram soluções. Uma acaba de sair: devem trocar espaço por tempo, à maneira das operações militares. Precisam preencher o período de contenção e combate rígido à inflação, sem recursos, com outro tipo de medidas que não as desenvolvimentistas.

Almir Pazzianotto, por exemplo, atua no campo político-jurídico, enquanto dialoga com líderes operários e vai evitando a eclosão de greves ou movimentos reivindicatórios. Gostaria, é certo, nessas negociações, de ver concedida a maioria dos reclamos de seus interlocutores, mas, como inexistem condições para tanto, lança-se em outro tipo de ação. Anistiou os líderes sindicais cassados pelo regime anterior, até sem maiores delongas e participando apenas ao ministro da Justiça, Fernando Lyra,

que estava agindo assim. Ocupou os espaços de seu Ministério, que deixou de ser de segunda classe, como no passado, para tornar-se um dos mais importantes, até dos primeiros a ser preenchidos. Acaba de baixar portaria revogando a proibição de se criarem centrais sindicais, isto é, diversos sindicatos poderão atuar e dialogar em conjunto com o Ministério do Trabalho. Prepara-se para outra iniciativa, devolvendo aos sindicatos autonomia para promover eleições conforme seus estatutos, não mais obedecendo a imposições do governo. Afinal, não se justificam os mesmos critérios para sindicatos com 50 mil associados e sindicatos com 300 associados. Trata de preparar novo anteprojeto de Lei de Greve e de plena autonomia sindical, devendo consultar as lideranças operárias e patronais para encaminhamento rápido ao Congresso, sem aguardar a Assembléia Nacional Constituinte.

Ronaldo Costa Couto, do Interior, volta-se para a concentração dos poucos recursos que possui em torno de obras no Nordeste e regiões socialmente explosivas. Flávio Peixoto, do Desenvolvimento Urbano, determinou ao Banco Nacional de Habitação que reveja toda a programação deixada pelo governo ante-

rior, que, se aplicada, consumiria os recursos da entidade pelos próximos dez anos. Waldir Pires, da Previdência Social, a par com a decisão de colocar na cadeia os ladrões do Inamps, do lado oficial e do lado privado, trabalha num projeto de amplas dimensões, de maneira a reformular a assistência médica e a situação dos aposentados, pretendendo concentrar-se na situação dos menos favorecidos. Marco Maciel, da Educação, vira as noites na tentativa de, garantindo recursos mínimos, conseguir a integração da comunidade, acadêmica e da sociedade em geral na implantação da reforma educacional. Recebeu em seu gabinete o professor Paulo Freire e ouviu seus conselhos, no que chama de busca nacional das vozes antes caladas. Pretende que a nova educação, aliçada numa política realista, venha a ser um dos resultados mais marcantes da Nova República.

E assim por diante. Parece cedo para saber onde as coisas irão dar, se os ministros "maus" precisarão ficar assim por muito tempo e se os ministros "bons" aceitarão o quadro. Por enquanto, aferram-se todos à determinação de Tancredo Neves, de não ter ministros comprometidos com a austeridade e ministros comprometidos com os gastos.